

## Notas do Tempo

**E**U julgo que quem faz as leis é motivado pelo afrontamento de problemas que surgem ou se apresentam com uma face nova — e parte, rectamente intencionado, na busca de soluções. Com este objectivo constroem um edifício que se pretende sólido, perfeito na sua potencialidade de resposta. Teoricamente, se a vida decorresse em compartimentos estanques, tudo ficaria melhor. Ainda assim, entre a ciência da lei por muito providente que seja e a aplicação dela com sabedoria que a torne providente — há toda uma função complementar que se não improvisa.

Mas não se pode ignorar que ao lado deste edifício que abrange uma determinada área da vida do Povo se ergueram outros nem sempre harmoniosos entre si — e se complicam mutuamente, quando não mesmo tornam ineficaz o que se procura fazer em cada um.

Naturalmente o meu pensamento incide no mundo das crianças, adolescentes e jovens ditos «em risco».

Antes de mais, os riscos levantam-se por muitas omissões, que o prevenir para não ter que remediar, ainda não ganhou cidadania. Entre elas assume o primeiro lugar a

crescente debilidade da Instituição familiar e a irresponsabilidade que lhe é consentida. Ainda não foi desta que surgiu um Ministério da Família que, a jusante de todos os outros, se ocupasse das consequências para Ela das medidas que em cada um se tomem, com o poder de as remeter a montante para revisão e correcção.

E não se reduza ao económico a problemática que afecta a Instituição familiar. É nas vertentes éticas que se encontra o cerne: O egoísmo que brota com a virulência das ervas ruins do amoralismo, no qual e pelo qual os «progenitores» (nome que substituiu na linguagem oficial o de pais) arrogam os «seus direitos de realização pessoal» com atropelo dos direitos fundamentais daqueles que procriaram e lançam à rua com a impunidade que nem já é permitida em relação aos «animais de companhia». O hedonismo reinante, a que se juntou a desgraça da droga e da proliferação das prostituições a ampliar o quadro de vício e de vazio em que tantas crianças nascem e crescem. O desmerecimento do trabalho e da honestidade em alternância com formas artificiosas e fáceis de ir entretendo a vida, no que algumas Instituições oficiais e outras públicas de grande impacto têm cumplicidade.

Continua na página 4

## TRIBUNA DE COIMBRA

# Mês de Maio

**M**AIS uma folha e o calendário mostra-nos o mês de Maio. Em plena Primavera é um apelo à vida e um hino à fecundidade. São abundantes as conotações com a força própria da maternidade. Chamam-lhe o mês do coração, o mês de Maria, e, entre nós, Fátima dá-lhe corpo e alma. Um dos seus dias é o Dia da Mãe. Em anos de Páscoa alta o perfume desta grande festa cristã anima ainda o arraial. É um perfume que se ressent. É também o mês das vocações, dos chamamentos especiais, da vontade de se dar por tempo e vida inteiros, pondo em causa os cálculos do êxito e do sucesso. É um mês de especial mística e grande beleza. Ainda agora, a própria Igreja agenda para esta altura as festas de catequese infantil e juvenil, associando o crescimento da fé à explosão da vida natural que se inicia.

Continua na página 3



Creche de Mahelane

## MOÇAMBIQUE

# Uma visita

A nossa Casa encheu. Mais visitantes do que habitantes. A nossa Capela, também. Aconteceu, nestes dias, o Presidente da República andar de visita ao Distrito de Boane, acompanhado de alguns dos seus Ministros, muitos vice-Ministros, Governador da Província e Administradores e alguns Embaixadores. Todos com os seus séquitos. Embarçou-nos o protocolo mais os guardas acompanhantes que deviam ser outros tantos, muito sequiosos de cerveja nestas circunstâncias. Por isso, ao programar o almoço decidiu-se servir apenas sumo, por sinal das nossas laranjas e a única bebida do Presidente.

Foi menos oportuna, porque todos andávamos ainda emocionados com o assalto que sofreu a nossa Irmã Quitéria. A menos de dois quilómetros de Casa, um carro interceptou-lhe o caminho, dois homens armados saem rápido com as metralhadoras apontadas e levam todo o dinheiro, o celular, todos os documentos e chaves do carro. Passava de seis mil contos, quase tudo para salários. Foi um transtorno indescritível, para além do choque sofrido.

Tanto mais que teve a colaboração de um jovem da Massaca a quem esta Casa tem apoiado há mais de cinco anos. Aluno, primeiro na nossa Escola, fez a secundária na Cidade e como não podíamos com as despesas da Universidade, foi convidado a dar aulas e daqui despedido o ano passado por incompetência. Quem diria!

Pois o Presidente veio e foi recebido à porta da sala, onde repousou por breves instantes, enquanto toda a gente, inclusivé os nossos trabalhadores, se acomodava no anfiteatro da Capela. Após a saudação a todos os visitantes, foram ditas estas palavras:

*Ninguém poderia imaginar que o mais alto poder da Nação Moçambicana pudesse um dia descer a uma Casa que acolhe crianças abandonadas. A nossa homenagem e a nossa gratidão pela honra que nos é dada. Lembrando porém o Fundador da Obra da Rua, quero juntar esta sua frase: «Ditosa Pátria se os amas».*

*Nós somos uma Casa de família para os sem-família, condicionados por uma pedagogia específica: «Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes» onde aquilo que pode ser feito por eles não o será por mais ninguém. Vivemos do nosso trabalho e com o apoio carinhoso das Casas do Gaiato de Portugal, o mesmo é dizer dos portugueses. Muitos deles por aqui andaram.*

Continua na página 4

## Anúncio da Paz

**E**veio o anúncio da paz desejada.

«Vou fazer correr a paz como um rio!» Is. 66. 12.

Um rio que saia das suas belas margens, suba as montanhas e, de lá, desça com mansidão às cidades, vilas e aldeias. Que ele nos traga mais justiça pela justa distribuição das riquezas. Que ele afogue a violência e o roubo — fonte de tantas lágrimas; que cure as feridas causadas pela fome. Um rio que leve a todo o canto o perdão, a harmonia e desfaça em espuma as ambições desmedidas.

Um rio assim, somente, saído do coração de Deus, e nossa total aceitação, pois, nunca Ele vai afogar a nossa liberdade.

Paz verdadeira não está somente no silêncio das armas... Ela nascerá nos corações pela justiça. Outra vez Is. 32. 17: «A justiça produzirá a paz».

São seus sinais e reflexos: A fraternidade; o amor a Deus e o

respeito pelos outros; o perdão; a convivência pacífica.

Será uma conquista de cada um; de cada família; de toda a sociedade pelo regresso ao verdadeiro humanismo — nascido nas fontes do Evangelho.

## Páscoa!

O Povo veio em massa nesta Missa de Páscoa. Não coube na nossa Capela.

A vibração dos cânticos!

O silêncio!

Os sorrisos mais abertos pela esperança da paz!

Um Povo que caminha... Perdeu tudo, mas guardou num cantinho do coração magoado a alegria e a fé. E vem e reza e bate palmas, canta e dança!

Não é carapau congelado e fechado dentro da sua tripa... Sim, todo ele, em requebros de louvor ao nosso Deus.

Padre Telmo

# Pelas CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

**DOENTES** — É deficiente. Procura viver integrado no meio. Não perora mais do que os remédios necessários para curar as maleitas que não são poucas, infelizmente, quais valores pesados na parca bolsa dos Pobres!

— Sem isto (sem os remédios)... eu não posso viver!, afirma com lágrimas nos olhos!...

Outro doente, que sofrera um AVC (acidente vascular cerebral). A mulher dá-lhe a mão a todas as necessidades. Sente a conta da botica, uma fortuna!, cada vez maior.

Foi profissional d'artes gráficas com boa situação material. Ao menos, quando há oportunidade de olhar as máquinas que a tecnologia melhora dia-a-dia, extasia como um menino!

Quem lhe dera voltar atrás!...

**VOZ DO PAPA** — «Reunidos em Assis, reflectimos conjuntamente sobre a paz, dom de Deus, e o bem comum da Humanidade inteira. Apesar de pertencermos a tradições religiosas diferentes, afirmamos que para construir a paz é necessário amar o próximo, respeitando uma regra de ouro: fazer aos outros aquilo que gostaríamos que nos fizessem a nós. Animados por esta convicção, não nos cansaremos de trabalhar para a grande obra da paz e, por isso...»

I — Nós comprometemo-nos a proclamar a nossa firme convicção de que a violência e o terrorismo contrastam com o autêntico espírito religioso. Ao condenar todo o recurso à violência, à guerra em nome de Deus ou da religião, comprometemo-nos a fazer tudo o que é possível para eliminar todas as causas do terrorismo...

II — ... comprometemo-nos a educar as pessoas e a respeitarmos-nos e estimarmos-nos reciprocamente, para que se possa alcançar a convivência pacífica e solidária entre etnias, culturas e religiões diferentes...

III — ... comprometemo-nos a promover a cultura do diálogo, para que cresçam a compreensão e a confiança recíprocas entre os indivíduos e os povos, sendo estas as premissas para uma autêntica paz...

IV — ... comprometemo-nos a defender o direito de cada pessoa humana a viver uma vida digna, segundo a identidade cultural e a constituir livremente a própria família...

V — ... empenhamo-nos em dialogar com sinceridade e paciência, não considerando aquilo que nos diferencia como um muro intransponível, mas, pelo contrário, reconhecendo que o confronto com outras diversidades pode tornar-se

ocasião para uma melhor compreensão recíproca...

VI — ... comprometemo-nos a perdoarmo-nos uns aos outros pelos erros e pelos preconceitos do passado e a apoiarmo-nos num esforço comum para ultrapassar o egoísmo e a arrogância, o ódio e a violência e para aprender do passado que a paz sem justiça não é verdadeira paz...

VII — ... comprometemo-nos a estar ao lado de quem sofre na miséria, e a ser a voz de quem não tem voz, e a agir concretamente para superar tais situações na convicção de que ninguém pode ser feliz sozinho...

VIII — ... comprometemo-nos a fazer nosso o grito de quem não se resigna à violência e ao mal; e queremos contribuir com todas as nossas forças para dar à Humanidade do nosso tempo uma nova esperança de justiça e paz...

IX — ... empenhamo-nos em encorajar todas as iniciativas que promovem a amizade entre os povos, certos que o progresso tecnológico, quando falta uma intensa e solidária vontade entre os povos, expõe o mundo a riscos crescentes de destruição e morte...

X — ... comprometemo-nos a pedir aos responsáveis das nações para envidarem todos os esforços para que a nível nacional e internacional se edifique e consolide, no fundamento da justiça, um mundo solidário de paz...

**PARTILHA** — A assinante 9311, de Figueira de Castelo Rodrigo, manda 10 euros, sendo 5 para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus.

Uma leitora, de Cacém, com «uma migalha para os mais Pobres. Deus vos dê muita saúde e forças para poderem continuar». Deus lhe pague.

Cinco mil, da assinante 13608, do Porto, «para as contas da farmácia dos mais necessitados. Rezem por mim, pois trabalho e estudo. Tenho casa e marido e filhos para tratar. Ando sem forças, mas não tenho tempo de estar doente, nem de ficar em casa...» Mães heróicas!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## PAÇO DE SOUSA

**HORTA** — Está cada vez mais bonita! Já, lá, semearam ou plantaram ervilha, cebolo, alface.

Esperamos que não tardem a semear ou plantar outras coisas para nossa alimentação.

**ESCOLA** — Começou o terceiro período e esperamos que tudo corra bem porque o segundo foi mais ou menos.

**FÉRIAS DA PÁSCOA** — Foram muito boas! Estive-ram, por cá, os nossos irmãos



Numa hora de trabalho, «Fáfá» orienta um pequeno grupo, no cimo da avenida.

que estudam no Porto e isso deu lugar a fazermos outras coisas mais durante as férias...

**GADO** — As nossas vacas dão agora mais leite! Vão nascendo mais vitelinhos.

Os porcos estão mais gordos e vão sendo ahatidos para nossa alimentação.

Rogério

**DESPORTO** — Deve ser encarado como um passatempo no qual as pessoas podem refugiar-se para se divertir, aliviar o stress, conviver, ganhar novas amizades e reafirmar aquelas que já existem, além de fazer bem à saúde e manter a frescura física. No entanto, há quem assim não entenda, e o utilize com outro intuito, prejudicial para si e sobretudo para quem os rodeia. Quem não for sensível, não se deve misturar com as camadas jovens. Eles precisam de quem os incentive e não os desanime. Não é bom sintoma quando há o descaramento de se aproveitar da presença deles em campo, para impor a sua vontade de ganhar sem reflectir que se tratava de miúdos dos 13 aos 16 anos. Talvez fosse conveniente gente deste quilatre não ocupar lugares de responsabilidade, para serem preenchidos por gente sensata, coerente e sobretudo consciencientes daquilo que devem fazer enriquecendo o desporto e não espesinhando todos aqueles que com alegria o praticam. Quem não fizer um pouco de esforço nesse sentido, não tem, realmente, condições psicológicas para respeitar quem quer que seja, muito menos os seus irmãos mais novos que, de modo algum, podem e devem ser utilizados como bode-espiatório.

Quando não há unhas ou não se é capaz de tocar guitarra, porque não se escolhe outro instrumento? Por exemplo: tocar ferrinhos, sempre é ferro contra ferro... Pode ser que não seja necessário ser tão sensível e muito menos humano!...

Foi o que aconteceu na tarde de 6 de Abril no jogo que se realizou entre netos e avós... A cor do seu equipamento era preta, mas longe de ter o significa-

do das capas negras dos estudantes.

Os Séniores deslocaram-se a Gondomar e defrontaram o Ermentão Futebol Clube. Tudo correu bem. Claro que não há fumo sem fogo. No futebol, é natural que um ou outro tenha os nervos mais à flor da pele e nem sempre tenha as melhores atitudes.

Apesar de termos sofrido dois golos contra a corrente do jogo, trouxemos a vitória para oferecer aos que tinham ficado em casa. Golos de «Pião», Américo, Nilton e «Turbinas».

Segundo o Lupricínio, apenas com o Ilídio no banco, foi forçado a pôr o Ricardinho a ponta-de-lança, o que pelos vistos, não se saiu mal. Quem sobressaiu, embora todos estivessem bem, foi o António Sérgio, como defesa-central. Isto é a prova de que só faz falta quem está. Parabéns António Sérgio. É necessário que tenhamos, cada vez mais espírito de equipa e de sacrifício em benefício do colectivo. Quanto mais unidos formos, mais fácil será mostrar-

mos ao nosso adversário quem somos e o que pretendemos, apesar de fazermos o nosso Grupo Desportivo mais forte e mais coeso.

Alberto («Resende»)

## MIRANDA DO CORVO

**AULAS** — Já começou o terceiro período e os rapazes estão contentes. Farão o possível para melhorar as notas dos períodos anteriores. Os que tiveram notas menos boas irão melhorar, com certeza.

**OBRAS** — Em nossa Casa, continuam. Estamos a remodelar o rés-do-chão e o primeiro andar. Estas obras servem para embelezar e remodelar a nossa Casa, a primeira a ser fundada pelo Pai Américo.

**CAMPO** — Já plantámos o cebolo e semeámos algum fei-

jão na horta. Agora, esperamos que o nosso trabalho não tenha sido em vão e tenhamos uma boa colheita.

**GADO** — Uma porca deu à luz sete leitõesinhos. Esperamos que os rapazes do gado não os deixem morrer e tratem bem deles, assim como dos restantes animais.

**VISITA** — Dia 26 de Fevereiro recebemos uma visita especial. O sr. D. Albino veio a nossa Casa e esteve connosco todo o dia. Ao fim da tarde celebrou Missa e, na homilia, explicou-nos os adereços que trazia consigo, desde o anel até ao cajado. Agradecemos a sua visita e esperamos que regressasse mais vezes, para estar connosco e para nos dar alguns conselhos sobre a vida cristã.

**DESPORTO** — No dia 6 de Abril tivemos um jogo contra a nossa Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Não podia ter corrido melhor. Saímos vencedores, numa partida bem disputada de parte a parte; e, para nós, com um sabor especial porque fomos ganhar fora e, em nossa Casa, tínhamos perdido. Assim, continuamos a treinar para podermos ganhar qualquer desafio que nos apareça.

João «Pequeno»

## RETALHOS DE VIDA

### Wilson

Sou o Wilson Fernando Gonçalves. Nasci a 12 de Abril de 1993, na freguesia de Mina, concelho de Amadora.

Vim para a Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, em 1 de Outubro de 1996. Frequento a terceira-classe da nossa Escola.

Nos tempos livres tenho a obrigação de apanhar papéis nos caminhos da nossa Aldeia. E, nas horas de recreio, jogo a bola, brinco com os meus amigos. Eu vim para cá porque o meu pai abandonou a minha mãe.

Eu gosto da Casa do Gaiato porque é uma Casa com a possibilidade de, amanhã, quando for grande, me conseguir um lugar na vida para ser um homem.

Wilson Gonçalves



## SETÚBAL

**OBRAS** — Os quartos de baixo dos mais velhos, já têm janelas e portas novas. São de mangon, uma madeira exótica. As ferragens são de latão amarelo e os vidros são duplos, que é por causa do frio e do barulho. Deu muito trabalho a fazer, mas ficaram boas e bonitas.

**CARRINHA** — A nossa Mitsubishi ficou com uma porta toda «arrebentada». O

## MOMENTOS

## Saber amar

**O**NTEM, à tarde, vou dar com um aglomerado de miúdos e uma carrinha estacionada discretamente ao lado da casa dois.

Foi a minha visão ao largo. Desconfiei e aproximei-me. Como tenho pouco tempo, fracas pernas e um coração cansado, muitas vezes desloco-me na Aldeia de carro. Parece um luxo, mas não é. É uma necessidade.

Chego, saio do automóvel e dou com uma roda grande de rapazes pequenos à volta de uma mesa redonda escondida pela estatura deles, coberta de toalha alva e três senhoras, novas, a partir queijo, pão e presunto.

Tudo muito digno! Então, o presunto atraía os olhos! As senhoras regaladas distribuíam a merenda estravagando prazeres nas atitudes, no olhar, na postura.

A tarde clara, emprestava cor e amenidade a todo o conjunto.

Era um momento feliz!

Eu entrei de chancas:

— Está tudo muito bem, mas olhem que até no Jardim Zoológico é proibido dar comida aos animais. Se tivessem avisado, não custava nada!... Teríamos muito gosto!... Mas, assim?!... A Casa do Gaiato é uma escola de educação. Não estamos aqui a engordar rapazes.

Estes não entendem. O apetite de coisas boas domina-os facilmente. E qual é a criança que se não deixa atrair por comida gostosa àquela hora!

Aceitamos com alegria todas as ofertas e muito melhor uma merenda servida com tanto requinte; mas queremos saber. Temos essa obrigação.

Não há pai nenhum no mundo com sentido de dignidade, que se demita do dever de averiguar a alimentação dos seus filhos. Comer às escondidas não agrada a ninguém! Muito mais os nos-

soz meninos, que vieram da fome, da pedrinha, da pilhagem e do roubo. Eles que trazem atrás de si as histórias horrendas que o mundo lhes preparou! E tão facilmente se seduzem!

Precisam, sim, do queijo, do presunto e das gulodices distribuídos pelas mãos de quem os ama. — De quem dá a vida por eles. De quem só tem amor para lhes oferecer e não tem mais nada porque se deu todo(a). De quem conhece as feridas pessoais de cada um e cuida delas! — E não de quem aparece de quando em quando ou só uma vez na vida para gozar estes momentos.

Quem quiser pôr a mesa aos nossos rapazes, avise-nos, que nos queremos sentar com eles, partilhar dela e da alegria de todos!

Há dias, veio uma senhora com umas caixas de laranjas. Distribuí-as indiscriminadamente. Alguns adoeceram da barriga, outros fizeram negócio e muitos ficaram sem nada. Com os brinquedos ou chocolates, os rebuçados e as amêndoas, a mesma dança!

Oh gente que não sabe amar!

Padre Acílio

## DOCTRINA



Tintas fortes

**N**ÓS outros olhamos para a cultura do linho na nossa quinta como um factor de economia real e documento de tradição. Não é seguramente tarefa de um ano, mas dentro de meia dúzia deles trazemos os habitantes da nossa Aldeia de camisas de estopa e calças do mesmo tecido. Casacos e blusas que são hoje a *grande moda* de Verão, serão a moda grande de todo o ano, por amor à nossa pobreza. Lençóis de cama, toalhas de mesa, panos de cozinha. Ano a ano, havemos de povoar as arcas, vestirmo-nos com roupas de durar, acumular verdadeiras riquezas.

**Q**UEM sabe se, desta sorte, não vamos fazer na região Escola Normal?! Acordar o povo. Libertá-lo da miséria. Bastar-se. Levá-lo aos usos da serguita. Fazer indústria caseira. Quem sabe? As grandes indústrias, num povo sem preparação moral, deslocam o fiel das balanças e erguem os braços vazios, que são justamente esses milhões de braços a clamar aos céus.

«**Q**UANDO as estradas se ligarem umas às outras, temos o fim do mundo» — dito dos velhos. Ele há muita filosofia nesta hipérbole. Os agentes novos que vêm pelas estradas fora, deviam encontrar reagentes. O Bem vence sempre tudo. Na tentação do deserto, foi Jesus quem venceu as três arremetidas do Mal. O pior é que não tenho visto por estas terras reagentes.

**E**NTROU a dissolução na lareira e está tudo dito. Não aparece, ou aparece muito pouco, a força moral do «*não posso*», do «*não devo*», do «*não quero*».

**S**ENHORES leitores d'O GAIATO, não são de dizer a ninguém as amarguras de quem escreve. Não são, não senhor. Quando me lembro que dentro de dois anos tenho dezenas de moços para lançar num mundo onde as estradas chegaram antes de se aprender a andar nelas; quando penso em tal, meus senhores e meus amigos, só me resta o apelo do Pescador da Galileia: «*Senhor, para onde havemos de ir, se somente Tu tens Palavras de Vida Eterna!*»

*D. Acílio '51*

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol.)

## SETÚBAL

## Sintonia particular

**N**ÃO é novidade nenhuma, que entre os nossos rapazes e animais, há uma sintonia muito particular. Às vezes, é de causar espanto as brincadeiras que surgem por iniciativa destes últimos. Parecem conter sentimentos que trocam com os rapazes, tal a naturalidade e proximidade entre eles.

A graça que achei, num destes dias, à cadelita do Mário à chegada do Cláudio da dança. À medida que ele andava, esta agarrava-lhe e soltava-lhe o fundo das pernas das calças como que a saudá-lo e a pegar com ele. A resposta do Cláudio encantou-me no sorriso terno que ofereceu à cadelita. Uma amizade que desconhecia.

Como os homens, parecem também ter os seus *melhores amigos*, temperamentos diferentes. Alguém me dizia que um dos nossos cães era pouco simpático. E não é que já presentira isso? Ao invés, a cadela que tem sido a procriadora de boa parte dos nossos canídeos, parece ser uma sentimentalona. Na hora do Terço, é raro o dia em que não se aproxima dos rapazes, pedindo para ficar junto deles. Umhas vezes é aceite, outras vezes não. Vai então procurar outro rapaz que a deixe ficar encostadinha a si, ganhando baixinho e quase implorando o acolhimento que deseja.

Outras vezes são os gatos, também eles bem integrados em nossa Comunidade. Quantas vezes estamos à mesa, ao almoço ou ao jantar, e vêm eles ou elas com suas patitas roçar nas pernas, pedir algo do nosso prato, normalmente quando a ementa é peixe. Como se costuma dizer, só lhes falta falar.

Já não eram poucos os que tínhamos... Resolveu o Mário, um fadado para a bicharada, num dos dias em que foi ao pão, trazer mais dois recém-nascidos que na padaria foram dados à luz. «Eram dois bonitos!»

Agora, é ver os rapazes, desde o mais pequeno a alguns já crescidos, andarem a mirar as crias e suas mães num desvelo com estas, que seria bom acontecer com os humanos. São exemplos verdadeiramente edificantes para os rapazes e para todos nós, ver as semanas seguidas de dedicação exclusiva destas mães irracionais com a sua prole. Então e quanto às patas, galinhas e gansos nem é bom falar! São dias e dias aninhadas sobre os ovos, sem comer nem beber, até que estes comecem a estalar e a força da vida neles contida, surja visível nos patitos e pintos, obras-primas da natureza.

Há dias, uma das senhoras da Casa deu-me a conhecer um acontecimento bem próprio do nosso viver: os gatinhos que a Mãe trouxe de fora, foram recebidos pelas mães gatas que cá temos, e não tiveram pejo nenhum em os juntar às suas ninhadas. E concluiu: «Em nossa Casa, a maternidade para com os abandonados, não diz respeito só aos rapazes!»

Padre Júlio

Hélio assumiu o descuido, mas ficou todo chateado com mais este azar! Distraiu-se a pensar nas coisas que tinha p'ra fazer e deixou a porta aberta. Um camião, ao sair, amassou-lhe a porta. Agora, tem que ser uma porta nova porque a outra só dá prà sucata.

**TIPOGRAFIA** — O Carlos Jarreta já não está na cozinha, mas a aprender para tipógrafo. Já sabe intercalar, copar, dobrar, colar, atar, fazer blocos e encadernar. Mas ainda tem que praticar mais p'ra saber fazer tudo mais depressa e mais «*certinho e direitinho*».

Carlos Nascimento

**VACARIA** — Numa destas noites, nasceram dois vitelos. Uma vaca pariu. Não sabíamos a data em que tinha sido coberta. Fez força demais e saiu-lhe o útero. De manhã, quando vimos o sucedido, chamámos o veterinário, que ajudado pelo Fernando, pelo João Correia, pelo J.P. e por mim, repôs o útero no seu lugar e coseu-a. Valeu a pena porque a vaca resistiu.

A outra, que pariu também, teve um parto normal, mas não conseguia levantar-se. O problema era falta de cálcio nos ossos. Desta vez foi uma veterinária que tratou dela. Está a reagir bem.

As barracas dos bezerros, fora dos currais, estão muito velhas. Os carpinteiros estão a fazer novas barracas para que os vitelos apanhem menos frio e possam estar mais à vontade.

A nossa palha para o gado acabou. Mandámos vir mais umas toneladas para misturar com a silagem de milho e de cevada, já que as vacas

precisam, de uma alimentação variada.

Rui «Rato»

**ABÓBORA** — Andei com o António, o Brás, o Amândio e a Senhora, a semeá-la. O Amândio abriu os regos com a charrua. O António e a Senhora colocaram as sementes na terra em grupinhos de cinco sementes. O Brás mais eu, íamos atrás tapá-las.

Quando as abóboras estiverem a rebentar, daremos química. Depois da colheita, irão para a casa da batata e para mais tarde fazeremos sopa e doce.

**TOMATE** — O Evelsio, o «Paisinho» e o «Chafinho», andaram a plantar o tomate. Acontece que se enganaram e plantaram-no muito junto. Por isso, o Fernandinho e o Fábio foram arrancar os pés que estavam a mais. Depois, o Brás, o André Jorge e eu, fomos plantá-los noutros regos.

Ibraime

## Tribuna de Coimbra

Continuação da página 1

Sem dúvida, o Dia da Mãe é um dos mais belos e interpelantes do calendário. Tanto para aqueles que ainda gozam da sua presença neste mundo como para aqueles que já não têm esse privilégio. É o dia de todos nós colhermos uma flor e, com a ternura possível, oferecer-lhe a essa pessoa única que há no mundo. Coloquemo-la onde ela mais gostar. Pode ser na jarra, melhor, se for no coração! E se as dificuldades da vida ou a nossa gosquinhez nos afastaram da sua convivência diária entregando-a aos cuidados de outrém, não há desculpas aceitáveis para que, ao menos nesse dia, ela não veja a nossa flor sorrir.

Vamos mesmo, se esse for o caso, à sepultura onde jaz, depunhamo-la na terra fria e seca que o seu coração, imortal, como o de Deus, não morre.

Padre João

## PENSAMENTO

O que as leis e as armas não podem fazer, fá-lo a Graça.

PAI AMÉRICO

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Abril, 63.000 exemplares.

# Praticando o Bem

ERAM 23 horas no sino do Mosteiro de Paço de Sousa. As badaladas, em cadência matemática, soavam pelas quebradas dos montes, trazendo um retorno sonolento aos nossos ouvidos cansados.

Quase toda a gente dormia nesta Aldeia de Rapazes. Estava uma noite sem luar e as sombras das árvores projectavam-se, fantasiosas, por detrás dos candeeiros acesos.

Descia a rua dirigindo-me à casa quatro de cima, onde durmo com os rapazes.

O fim do dia é sempre pesado para um homem da minha idade. Todo o nosso sentir se concentra na cama onde vamos repousar. Quem dera que não haja mais nenhum contratempo!

A uns oitenta ou cem metros vislumbro uma figura andante. Pareceu-me, logo, a silhueta de uma mulher africana. Não me enganei.

Alta, com a trouxa à cabeça segura pela mão direita,

vestindo roupa clara, deambulava como perdida, no largo inclinado, frente ao escritório das oficinas!

Aproximei-me e pressenti instantaneamente, ter conhecido a senhora.

Perguntei ao guarda nocturno, que também se havia acercado: — Quem é?

— É fulana, mãe de cicrano!

— Procuo o meu filho. Quero o meu filhinho!...

A dor da mulher expressa lancinantemente àquela hora, entrou-me como «espada aguda» no coração! Quanto não tenho eu sofrido por causa dos meus filhos!

Facilmente adivinhei a profunda aflição daquela africana!

Não há no mundo dor maior do que a dos filhos.

O seu já é um homem de vinte e seis anos. Trabalha numa empresa, a quarenta quilómetros da Casa do Gaiato. Dorme lá. Só vem ao fim-de-semana.

É um rapaz de Almada que eu recebi com seis anos na Casa de Setúbal, a pedido de gente piedosa e boa, daquela igreja, há vinte anos.

A mãe, incapaz de o ter e, muito menos de o criar, dado o seu desequilíbrio e desamparo, não nos largava a porta. E... levou-o consigo muitas vezes!

Doídos dela e dele, escolhemos salvá-lo, preterindo o sofrimento materno.

O rapaz fez-se homem em Paço de Sousa.

Apesar de ter aqui vindo várias vezes, sendo bem conhecida, arrostando a dificuldade da longa viagem, não se lhe desvaneceu a ânsia de ver o seu menino. E na própria incapacidade psicológica para o amadurecimento, manifesta uma sede feroz e insaciável que a arrasta a todos os sacrifícios sem medo de dificuldades: — *Quero o meu filhinho.*

Homem como é, sofre a dor da mãe e, advertido por mim, logo no fim-de-semana seguinte, explicou-me que a vai ver todos os meses.

Mesmo assim, quando a saudade aperta nada a segura.

«Havia, lá, perto de mim, uma Casa como esta, onde ele podia ter sido criado» — desabafava sem me reconhecer. — «Tinha-me poupado tanta amargura!»

Probrezinha, diminuída, exibe uma nobreza maternal avassaladora, capaz de pôr o mundo em silêncio!

Mas, se tivéssemos desanimado ou alguma comissão ou sentença sabichona tivesse intervido para que a criança ficasse com a mãe; que teria acontecido, muito provavelmente, naquele meio infernal de marginalidade? Que teria acontecido?

Agora, temos mãe e filho capazes de se ampararem um ao outro e gozarem esse amor que ninguém define em pureza e em encantamento: o da mãe e o do filho.

Padre Acílio

## BENGUELA

### Reunião dos chefes

SÁ da reunião; repousei um bocadinho, e sentei-me para escrever estas notas. Os chefes são os responsáveis das comunidades (casas) em que está dividida a grande Comunidade. Levam sobre os ombros a responsabilidade de governar, juntamente comigo, a família maior da Casa do Gaiato. A reunião dos chefes é um momento importante de cada semana. Como seria possível, doutro modo, orientar, dirigir, educar, sem passar por eles? Por isso, o pequeno grupo de chefes ocupa o centro das nossas preocupações. É por ele que, em geral, chegamos a toda a comunidade. Entraram como os outros rapazes, vieram como eles e saem do meio deles para serem luz no caminho dos seus companheiros. Quanto mais vigorosas forem as colunas, mais firme estará o edifício. Eles são as colunas de uma Obra que é sua: a nossa Casa do Gaiato.

Poisou debaixo dos meus olhos este bocadinho de prosa de Pai Américo que não resisto a transcrever: «Chegou a hora de vos falar mais alto dos progressos da nossa Casa e de dizer aos mais velhos que façam dela a menina dos seus olhos. Isto não é fazer favor nenhum a ninguém; é, sim, valer-se cada um de si mesmo. Nenhum de vós tem outra fonte. Esta é a vossa fonte. Esta a vossa Casa. Esta a vossa Obra». Pai Américo fala aos maiores, aos que já têm o poder de julgar. Agora falo aos chefes, aos que receberam o que são e o que têm. Não podem guardar para si toda a riqueza dos dons recebidos, mas devem repartir, agora, enquanto vivem na sua Casa, pelos que estão a crescer. Quem nos dera esta mensagem seja entendida por todos aqueles que são capazes de ouvir e de entender.

Quem melhor do que os rapazes para ajudar os rapazes? Quem melhor que eles pode descobrir os grandes e

pequenos males que os afligem e afligem as comunidades? Quem melhor que eles, depois de curados, pode ajudar a cura dos seus companheiros feridos dos mesmos males? Ando aflito com uma vaga de roubos de roupas que estão a acontecer em nossa Casa. Mais aflita anda a Teresa por ver a roupa a desaparecer e não ter outra para substituir. Pior, substituir sem descobrir os ladrões é alimentar mais o roubo. Como fazer? Não vejo outro recurso que não seja o dos próprios rapazes. Nasceram neles as grandes aflições e as nossas grandes esperanças também. Vamos lutar contra o mal.

Fala-se muito do ambiente degradado. É palavra comum. Como podia ser de outra maneira, com a guerra e o cortejo de misérias que se lhe seguiu? É hora da reconstrução. As crianças foram as vítimas qualificadas. A família destroçada roubou o alicerce do edifício humano dos filhos. Cresceram sem o apoio seguro do lar unido. É hora da reconstrução da família. Está na base do desenvolvimento integral humano e material. Em boa hora foi lançada a campanha da «Família unida para o desenvolvimento». Já é bom que haja sensibilidade para os problemas de fundo, cuja solução está na base da reconstrução real da Nação. Pois, se é verdade que Angola está muito destruída nas suas estruturas físicas, não se pode descurar, como prioritário, o seu tecido humano. A família é a célula. Se esta está doente, o corpo social também sofre. Um corpo enfermo não cresce normalmente.

As crianças que vivem em nossa Casa são fruto e, por isso, estão marcadas pelo ambiente que se respira em volta. Não é possível o isolamento. O mais aconselhável é dotá-las de anticorpos malignos. Daí que o nosso trabalho educativo é um autêntico remar contra a maré corrente. Entre eles, os

rapazes, há heróis desconhecidos que permaneceram firmes apesar do bater das ondas fortes contrárias. Fazem o que podem. Há outros, porém, que não encham a medida. Já com alguns anos de Casa, de trabalho, de hábitos, permanecem vazios. Não estou desanimado. Gosto de partilhar convosco nossas alegrias e realidades mais tristes. Estes rapazes são um mundo de esperança, onde o heroísmo e a miséria andam de mãos dadas. É o nosso mundo real. Obrigado, pela vossa presença amiga no nosso caminhar.

A ponte continua no chão do rio Cavaco. O cabo telefónico que faz as nossas ligações telefónicas continua entretido a pescar no rio e não faz a ligação. Bastanos um telemóvel emprestado.

Padre Manuel António

## Notas do Tempo

Continuação da página 1

Aqui, sim, me parece haver a necessidade de tomadas de posição oficiais. Quem dera os dois Ministérios, Justiça e Segurança Social, talvez os mais vocacionados para estas áreas, dessem as mãos e legislassem com realismo!

Neste momento, quanto me apercebo na prática do dia-a-dia, a recente Lei de Protecção e Promoção dos Menores (em que não encontro nenhuma descoberta essencial relativamente ao que conheço desde que há cinquenta anos entrei nesta vida) produz alguma tensão entre os Serviços daqueles dois Ministérios. O da Justiça que parecia da intenção da lei ficar mais liberto, aparece mais imiscuído do que nunca e, digamos que, geralmente, com intervenções pouco felizes. Pois, sem distinção entre Família, com os seus valores ideais por que todos devemos lutar, e qualquer grupo familiar esvaziado da correlação de deveres e direitos que deveria ser o seu conteúdo, dá-se

um relevo equívoco a toda a relação de sangue — uma postura farisaica em que o interesse das crianças é, frequentemente, mais uma vez preterido.

Sim, os costumes mudaram muito nestes cinquenta anos de que tenho conhecimento. Então, Pai Américo recusava lugar àqueles que tinham pais idóneos, a quem só faltava o pão. «*Dê-se pão a essa mãe e ela fará milagres*». E dava-lho, quanto e enquanto fosse necessário. Hoje é raro o rapaz que nos aparece com fome de pão. Outras fomes mais substanciais e mais profundas os definham.

Os costumes mudaram, mas o pensamento não pode simplesmente seguir a mudança. Tem de o fazer criticamente e adaptar-se com bom senso e fidelidade aos valores de Natureza, que não mudam. Eis o que falta.

De resto, continua viva e actual a palavra de Pai Américo: «*A nossa glória era fecharmos por já não sermos precisos*».

«Nossa» — um possessivo que deveria ser desígnio nacional!

Padre Carlos

## Moçambique

Continuação da página 1

A educação de cada rapaz é a nossa maior preocupação do dia-a-dia. As nossas culturas, apesar da técnica acessível, são de subsistência. A criação de toda a espécie de bicharada, faz parte do programa educativo, pelo contacto diário e sadio com a natureza, que nos rodeia ou de que nos rodeamos.

As nossas oficinas fazem o trivial da construção civil, mecânica e electricidade, para as necessidades da Casa. São instrumentos pedagógicos para o crescer destes rapazes. A nossa Escola, porém, é o laboratório da formação de homens para o hoje e amanhã de Moçambique, porque «a nossa meta é fazer de cada rapaz um homem».

Esta nossa Capela com horizontes do Infinito é o lugar acolhedor para, no fim de cada dia, dar graças a Deus por tudo o que recebemos. Onde sem pau nem pedra, mas como se dizia no tempo da revolução, com crítica e autocritica, se corrigem os desvios. se procura o despertar da consciência, o fortalecer da vontade própria, para haver lugar à acção de Deus.

Antes do convívio à mesa desta Casa que quisera todos a tomassem como sua, onde vai ser servida uma refeição original, à base de mandioca, permitam-me acrescentar a informação do que esta Obra tem procurado fazer, como expressão concreta

de um amor incarnado ao nosso semelhante. Aqui quero lembrar o nosso Pai Américo, na sua humilde sabedoria «até hoje ainda não apareceu no mundo ninguém, tão capaz de ajudar o Pobre, como o próprio Pobre».

(Antes e depois destas palavras parei, olhei para os Embaixadores e Ministros, para ressaltar o sentido profundo e crítico da mensagem.)

Com o apoio da FAO (estava o Director para Moçambique e países vizinhos), aqui se multiplicou batata doce para acorrer às carências que sobrevieram às inundações. Ao mesmo tempo iniciámos viveiros de mandioca que produziram, não fosse a seca deste ano mais de um milhão de pés.

Na Massaca 1 a nossa primeira habitação está transformada desde 1995 em Creche, onde passam todos os dias 650 crianças, até completarem o pré-primário. Dentro está um Berçário para bebés desnutridos. Em construção um novo, separado da Creche e ligado ao nosso Posto de Saúde, que atende toda a Massaca 1 e 2, faz acompanhamento pré-natal e todo o tratamento possível. Só de malária, o nosso laboratório atende em exame mais de 14.000 lâminas ao ano.

A construção de casas melhoradas, em alvenaria, no âmbito das inundações, passou de trezentas, mais quinze para velhinhos que vivem sós. Mas desde 1992 que tentamos melhorar as condições de habita-

ção, não só nas Massacas, como em Mahelane e Changalane, onde estão habitadas quinhentas. Nestas aldeias temos Creches, ao nosso encargo, que atendem mais quatrocentas crianças.

Além do Posto de Saúde da Massaca, a nossa tia Maria José que deixou o ensino de Enfermagem em Espanha, faz a formação de pessoal de saúde e acompanha os Postos da Massaca, Picoco, 25 de Junho, Mahelane e Changalane e brevemente mais o de Ndivuane em acabamento. Aqui, com o auxílio de um Amigo de Portugal, antigo campeão de Basquetebol em Lourenço Marques, estamos a levantar uma Escola e acomodar em Aldeias, uma população dispersa.

É quase tudo, por agora, sr. Presidente, o que gostaríamos de lhe expor, já que não é possível visitar. Tudo para um Moçambique melhor, com o desenvolvimento do seu Povo, e gostaria de dizer meu também.

O Presidente depois de apresentar os membros do Governo, dirigiu-se aos rapazes estimulando-os a aproveitar bem as condições que aqui estão a ser criadas para eles e que faltam para tantos moçambicanos.

No final da refeição fez uma passagem rápida pelo campo, com paragem no ensaio de café, que o Embaixador da Nigéria apreciou e pela excelente produção.

Na Massaca falou demoradamente às crianças que souberam responder-lhe em português, saindo ao anoitecer da nossa Obra.

Padre José Maria